



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**“VI UM HOMEM RASGAR O PAPEL EM QUE ESTAVAM ESCRITAS AS TRÊS  
LETRAS, QUE ELE TANTO AMAVA”:** TRABALHISMO E SOCIALISMO NA  
CONSTRUÇÃO DO PARTIDO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA (1968-1980)

Victor Emmanuel Farias Gomes <sup>1</sup>

**Resumo:** O processo que levou à fundação do Partido Democrático Trabalhista (PDT), além da derrota na batalha judicial pelo registro do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), envolveu uma tensão e articulação entre setores vinculados à tradição trabalhista, que buscavam apresentar-se com roupagem atualizada para o momento da redemocratização, e militantes que tinham como objetivo a formação de uma organização com programa socialista. Este trabalho objetiva discutir a formação do PDT a partir das questões levantadas à época acerca das concepções de partido e de programa que rondavam a construção da nova organização. O recorte temporal inicia-se em 1968, onde encontramos registros de uma articulação oposicionista que pensou a criação de um partido que carregaria o mesmo nome daquele fundado em 1980. O PDT, que não passou de uma conversação em 1968, certamente não é o mesmo que ganha vida na abertura política. Porém, os dois momentos mostram o movimento de atração e distanciamento entre socialistas e trabalhistas. A hipótese levantada é que há uma tênue continuidade entre a ideia que tentou ganhar forma em 1968 e o partido de doze anos depois, expressa na sobrevivência da aliança conflituosa entre trabalhismo e socialismo, no nome da nova agremiação e em um dos sujeitos presentes nos dois períodos, o intelectual Edmundo Moniz.

**Palavras-chave:** Trabalhismo, Redemocratização, Partidos Políticos.

## INTRODUÇÃO

No dia 12 de maio de 1980, Leonel Brizola reuniu seus correligionários no Hotel Ambassador, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, para acompanhar o julgamento do Supremo Tribunal Eleitoral, que decidiria qual dos dois pedidos de registro da sigla PTB, Partido Trabalhista Brasileiro, era válido. A disputa tinha dois nomes principais; a então deputada federal Ivete Vargas, sobrinha-neta do ex-presidente Getúlio Vargas, e Brizola, figura que mesmo sob olhares de desconfiança de antigas lideranças trabalhistas, carregava a

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: victor.emmanuelarias@gmail.com.



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



legitimidade necessária para afirmar-se como herdeiro principal da tradição política de Getúlio Vargas e João Goulart. A decisão saiu à noite e foi favorável ao grupo de Ivete Vargas, por cinco votos a um.

A reação de Brizola gerou as imagens que estamparam a capa do Jornal do Brasil no dia seguinte. Na primeira foto, o ex-governador do Rio Grande do Sul rasgava um papel com a sigla PTB escrita, na segunda, Brizola, cobrindo os olhos com uma das mãos, chorava. O gesto também impressionou o poeta Carlos Drummond de Andrade, que, em sua coluna no mesmo jornal, escreveu:

Vi um homem chorar porque lhe negaram o direito de usar três letras do alfabeto para fins políticos. Vi uma mulher beber champanha porque lhe deram esse direito negado ao outro. Vi um homem rasgar o papel em que estavam escritas as três letras, que ele tanto amava, na impossibilidade de rasgar as próprias amadas. (ANDRADE, 15 mai. 1980, p. 1)

A derrota nos tribunais significou muito mais que a perda de uma ferramenta construída por décadas por Brizola e muitos de seus apoiadores, fato capaz, por si só, de despertar variadas emoções. Alijava o grupo vencido da legenda na qual muitos depositavam esperanças acerca de seu desempenho eleitoral, pois o PTB carregava a marca de partido golpeado pela ditadura em declínio, no momento em que dava sinais de fortalecimento de sua participação nas eleições. A notícia também agitava os demais setores da oposição. Os líderes do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), interessados na conservação de suas forças, reagiram à sentença de modo ambíguo. Por um lado, declarações à imprensa mostravam que a decisão poderia levar Brizola às fileiras da organização e fortalecê-la, por outro, davam a ver que o ex-governador tinha relações bastante conflituosas com integrantes do PMDB.

Um dirigente peemedebista, que preferiu manter-se no anonimato, comentou com repórteres que, para Brizola, o melhor caminho seria mesmo optar pelo PMDB, embora reconhecendo que o ex-governador gaúcho criou, por seus pronunciamentos e atitudes, um clima muito difícil para essa opção. Mas apontou as vantagens que Brizola teria no PMDB: seria líder natural da segunda corrente mais expressiva do partido (os trabalhistas), perdendo apenas para a “tendência popular”, que tem cerca de 30 representantes; reconquistaria espaços que teria perdido no Rio Grande do Sul pelos erros cometidos nas suas “agressões” contra o PMDB e, em especial, contra o



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



presidente regional do partido, Pedro Simon; permanecendo com domicílio eleitoral no Rio teria condições de assumir o comando do PMDB e esvaziar – ou pelo menos reduzir – a influência de Chagas Freitas em setores oposicionistas. (FOLHA DE S. PAULO, 13 mai. 1980, p. 4)

Porém, na própria reação à resolução do TSE, Brizola já apontava que não se juntaria ao PMDB ou outras forças de oposição, ao dizer que não estava nos planos “incorporar-nos a outros Partidos políticos. Somos um movimento real e não precisamos incorporar-nos a outros Partidos oposicionistas” (JORNAL DO BRASIL, 13 mai. 1980). Para decidir os rumos do grupo “brizolista”, foi marcado um encontro para a semana seguinte. No dia 17 de maio de 1980, centenas de pessoas se reuniram na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro para a reunião na qual a maioria esperava que fosse deliberada a criação de um novo partido, embora houvesse uma ou outra manifestação em defesa da entrada de Brizola no PMDB<sup>2</sup>. Os jornais divulgavam possíveis nomes da nova organização. Foram dadas sugestões como “Partido Trabalhista do Povo”, “Partido Trabalhista Autêntico”, “Partido Trabalhista da Libertação Nacional” e “Partido Getulista de Libertação Nacional”. A escolha, feita na noite de domingo, 18 de maio, foi por Partido do Trabalhismo Democrático, que surgiu do embate entre a proposta de Brizola, “Partido do Trabalhismo Nacionalista e Democrático” e a ideia da bancada federal do movimento, “Partido Trabalhista do Povo”. No entanto, poucos dias depois, uma nota no *Jornal do Brasil* já indicava que o nome da legenda poderia mudar.

Não será surpresa para esta coluna se o novo Partido criado pelo Sr Leonel Brizola, Partido do Trabalhismo Democrático, vier a mudar de nome. Por pressão de sua bancada, que teme, pela semelhança do PTD com PTB, ter novamente o pedido de registro negado, o Partido brizolista poderá ganhar um novo nome. Até agora, o que reúne as maiores preferências é PDT – Partido Democrático Trabalhista. (AMARAL, 24 mai. 1980, p. 3)

A confirmação da mudança veio no dia 26 de maio, na assembleia realizada na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e que reuniu mais de 400 pessoas. Na mesma ocasião foram aprovados o programa, estatutos, manifesto e escolhida uma Comissão Provisória para a organização, que adotara o seu nome definitivo, Partido Democrático Trabalhista (PDT). A noite era a confirmação do lugar de Brizola como herdeiro da tradição

---

<sup>2</sup> No encontro dos trabalhistas, o então deputado federal J. G. de Araújo Jorge ainda pediu que a entrada de Leonel Brizola e seus apoiadores no PMDB fosse mantida como uma possibilidade.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



trabalhista no Brasil, com a presença legitimadora da viúva do ex-presidente João Goulart, Maria Teresa Goulart, e do neto de Getúlio Vargas, Getúlio Dornelles Vargas, mas também contava com a adesão de setores vinculados a outras correntes de esquerda, a exemplo de antigos dirigentes do Partido Socialista Brasileiro.

Aqui, cabe o destaque dado por João Trajano Sento-Sé (1999) em *Brizolismo: estetização da política e carisma*. Para o autor, mesmo com a roupagem moderna adquirida no exílio e no diálogo com as seções da Internacional Socialista, da qual Brizola fazia parte, não é possível tratá-lo como um socialista ou social-democrata, da mesma forma que um programa baseado na experiência da social-democracia europeia seria de difícil aplicação no Brasil. Na prática, em vários momentos, o único laço que unia a diversidade de tendências e posições que formaram o PDT, era o reconhecimento da liderança política de Brizola.

Ainda segundo Sento-Sé (1999), seriam quatro principais tendências a integrarem o PDT. O maior grupo era composto por trabalhistas, em sua maioria não socialistas; o segundo grupo recebeu o nome de “Grupo de Lisboa” e seria constituído por exilados, em sua maioria na Europa, e que influenciados pelo eurocomunismo e pela social-democracia europeia, procuravam aproximar Brizola das ideias ditas modernas da esquerda. Uma terceira tendência adentrou posteriormente ao PDT e era articulada ao redor de Luís Carlos Prestes, que em rota de colisão com o Partido Comunista Brasileiro, acabou aderindo – não sem críticas – à agremiação de Brizola. A quarta tendência

teve no chamado grupo do México um ponto de referência, defendia a posição nacional-democrática. Formado predominantemente por alguns ex-militantes de grupos armados do período imediatamente posterior ao golpe de 64 e outras figuras de destaque como Edmundo Muniz e Bayard Boiteaux. Esse grupo guardava reservas quanto à ênfase na democracia política, considerando que sem reformas sociais radicais, ela não passaria de um sistema formal, carente de qualquer substância. Advogava a adoção de uma postura fortemente nacionalista, com tonalidade popular, e o aprofundamento da luta anti-imperialista (...). O socialismo democrático para esse grupo representava reformas econômicas profundas, distribuição de renda e aprofundamento na luta de emancipação nacional contra o imperialismo. (SENTO-SÉ, 1999, p. 183-184)

O autor está correto ao identificar um grupo com raízes no exílio mexicano, mas, embora entenda sua síntese como uma tarefa necessária para o objetivo do seu livro, os



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



exilados no México, Bayard Boiteaux e Edmundo Moniz<sup>3</sup> tiveram pouco em comum nas suas ações entre 1978 e 1980. É possível, portanto, identificarmos o “grupo do México” ao redor de figuras como Francisco Julião, advogado e articulador das Ligas Camponesas, o ex-deputado Neiva Moreira, responsável pela publicação dos *Cadernos do Terceiro Mundo*, Theotonio dos Santos e Vania Bambirra, intelectuais ligados à Teoria da Dependência. No entanto, a constituição de um “grupo” ao redor desses nomes diz menos respeito ao conjunto de suas ideias e mais à atuação prática, como polo de apoio a Brizola naquele país.

Podemos dizer que também havia certo consenso nas reservas ao comportamento moderado de Brizola no final da década de 1970 e na crítica à sua aproximação com a Internacional Socialista. Um informe do Serviço Nacional de Informações, de abril de 1978, que tinha como assunto as atividades de brasileiros exilados no México, afirma sobre Francisco Julião e Neiva Moreira:

1. FRANCISCO JULIÃO

(...) A respeito de LEONEL BRIZOLA, mostra-se apreensivo quanto a compromissos que este possa ter assumido com a Internacional Socialista. Nesse caso, diz que deixará de apoiar o ex-Gov do RIO GRANDE DO SUL, por julgar que a Social-Democracia é um movimento utilizado pelo capitalismo alemão para diminuir as tendências socialista e marxista em diversos países. (...)

5. NEIVA MOREIRA

(...) Apesar de ser o brasileiro radicado no MÉXICO mais bem relacionado com LEONEL BRIZOLA, mantém-se, com relação a este, numa posição moderada, para evitar problemas com o Governo Mexicano, além de reflexos no BRASIL. Além disso, não é muito favorável à submissão de BRIZOLA à social-democracia. (SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES, 26 abr. 1978, p. 1-3)

Já Theotônio dos Santos deixou suas ideias sobre o socialismo, democracia e partido, em um livro publicado em 1986, chamado *O caminho brasileiro para o socialismo*, que sugere um diagnóstico, um programa e uma estratégia para a transformação social no Brasil.

---

<sup>3</sup> Edmundo Ferrão Moniz de Aragão (1911-1997) nasceu em Salvador e era filho do ex-governador da Bahia, Antônio Muniz Sodré de Aragão. Formou-se na Faculdade Nacional de Direito durante a década de 1930, quando iniciou seus trabalhos na imprensa e sua militância em organizações da Oposição de Esquerda, partidárias das ideias de Leon Trotsky. Em 1940, rompe com as teses trotskistas acerca da II Guerra Mundial e a defesa da URSS. Na mesma década inicia a publicação constante de colunas e artigos no jornal *Correio da Manhã*, onde atua até 1968, quando deixa o Brasil com o decreto do Ato Institucional número 5. Retorna em 1976 e colabora com a fundação do Partido Democrático Trabalhista, além de integrar os governos de Leonel Brizola no estado do Rio de Janeiro. Morre em 23 de janeiro de 1997.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Não obstante, a despeito das críticas e reservas às posições políticas de Brizola, Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra, Neiva Moreira e Francisco Julião compareceram ao *Encontro dos Trabalhistas do Brasil com os Trabalhistas no Exílio*, realizado em Lisboa em 1979, bem como apoiaram a criação do PDT no ano seguinte.

O grupo do México e Bayard Boiteux não tinham vínculo real. Este último, ao desembarcar do exílio em 12 de maio de 1979, demarcou suas divergências com Brizola.

O ex-secretário do extinto PSB disse discordar do ex-Governador Leonel Brizola, “porque ele quer dar ao PTB conotação social democrata e eu desejo, depois de uma Assembleia Constituinte, um Partido Socialista autêntico, nos moldes do chileno”. (...) Ele discorda do ex-Governador gaúcho quanto à formação de novos Partidos, no momento, porque disse só aceitar o pluripartidarismo depois de ser instalada uma Assembleia Constituinte. “No momento” – disse – “o meu pensamento é pela formação de uma frente popular, em torno do MDB, pois não desejo patrocinar, no momento, a formação de um novo Partido Socialista, porque acho que todos os democratas devem se unir em torno de três pontos básicos: o restabelecimento completo de todas as liberdades democráticas; anistia ampla e irrestrita para todos os presos políticos e a Assembleia Constituinte”. (JORNAL DO BRASIL, 14 mai. 1979, p. 2)

Coerente com a defesa de uma frente que envolveria liberais, democratas e militantes de esquerda ao redor do PMDB, Boiteux não compareceu ao encontro de Lisboa. Porém, talvez, a força dos acontecimentos, com o pluripartidarismo tornando-se uma realidade e as correntes de esquerda constituindo partidos diferentes, Boiteux compareceu às assembleias que fundaram o PDT.

Por fim, gostaria de abordar o debate ocorrido ao redor da atuação de Brizola e das proposições trabalhistas e socialistas, a partir da trajetória de Edmundo Moniz. Ferrenho crítico do varguismo e dos trabalhistas em geral, Moniz, após o golpe de 1964, passou a colaborar com os antigos adversários. No exílio, para onde vai em 1968, aproximou-se de vez do ex-presidente João Goulart e do ex-governador Leonel Brizola, ambos, com quem já mantivera contato nas articulações em torno da Frente Ampla.

Curiosamente, no prontuário de Edmundo Moniz no Serviço Nacional de Informações consta um registro de tentativa de criação de um novo partido em 1968. A organização deveria se chamar Partido Democrático Trabalhista: “O marginado e outros elementos, articula a



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



criação do novo partido político – PARTIDO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA – antes da eleição de 1970. Inspiram-se na Revolução de 30 e nos postulados sociais de VARGAS” (SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES, 19 jul. 1971, p. 16). Não é possível encontrar o informe original do SNI, mas a mesma informação está, pelo menos, nos prontuários de outros dois opositores do regime, o jornalista Paulo Silveira e o ex-ministro de Jango, Hélio de Almeida.

A conspiração pode não ter passado de uma conversa e logo foi sepultada pelo endurecimento do regime com o Ato Institucional nº 5, em dezembro do mesmo ano. Entretanto, era mais um capítulo da aproximação entre Moniz e os trabalhistas, marcada pela articulação da Frente Ampla, onde o jornalista do Correio da Manhã serviu de intermediário entre Jango, Brizola, e os demais integrantes. Com o exílio, Moniz se aproximou de João Goulart e chegou a se envolver, ainda segundo os relatórios do SNI, em outra discussão acerca de um novo partido, dessa vez capitaneado pelo ex-presidente João Goulart. A ideia teria surgido em 1975, por iniciativa do jornalista Orpheu dos Santos Salles, que, na posse do esboço de um programa para a União Trabalhista Brasileira (UTB), conversou com Jango em sua fazenda no Uruguai e reuniu um grupo para apresentá-lo.

Na tarde de 1º de março na estância reuniram-se Orfeu, Ryff, Talarico, Claudio Braga, Ivo Magalhães, José Ribamar de Freitas, Capitão Joaquim de Oliveira, Perci, João Alonso Minteguy, Edmundo Moniz, Carlos Olavo da Cunha, Levy e outros, para a leitura do documento sobre a formação do terceiro partido. Favoravelmente ao documento: José Ribamar de Freitas, Romeu José Fiore, David Barbosa, Capitão Joaquim de Oliveira e Constantino. Fazendo reparos e objeções: Edmundo Moniz, Carlos Olavo da Cunha, Perci e Levy. (SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES, 14 abr. 1975, p. 14)

Como deliberação, coube a Moniz refazer o programa para a União Trabalhista Brasileira, que ganhou importantes apoiadores, como Doutel de Andrade, mas não resistiria a alguns poucos meses. O partido, em tese articulado com a permissão do general Golbery do Couto e Silva, causou revolta entre alguns militares e panfletos chegaram a ser distribuídos, denunciando uma suposta “traição à Revolução”. Jango ainda revisou o texto preparado por



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Moniz, mas desistiu da ideia em junho do mesmo ano, segundo um informe do SNI, por não haver “clima”.

Um partido com a liderança de Jango não seria mais possível. O ex-presidente morreu no ano seguinte, 1976, e Moniz, um de seus colaboradores mais próximos nos últimos anos de vida, voltou ao Brasil no mesmo ano.

### **A OUTRA CARTA DE LISBOA**

Se em 1975, o ex-jornalista do Correio da Manhã estava disposto a colaborar com a construção de um partido fundado sobre a tradição, os símbolos e a história do trabalhismo brasileiro, a convicção parece ser outra pouco tempo depois. Após retornar do exílio, a atuação de Moniz é bastante discreta, já que a sua principal tribuna de atuação, a grande imprensa, não era mais o seu local de trabalho e articulação política. Entretanto, a discrição não significava afastamento da luta política. Em 1978, Moniz foi um dos entrevistados pelo jornal *Versus*, publicação da imprensa alternativa que se aproximou das posições da Convergência Socialista e, portanto, fazia uma campanha pela criação de um partido socialista no Brasil. Sendo assim, sobretudo durante o ano de 1978, *Versus* realizou várias matérias com intelectuais e líderes de esquerda, de diferentes tendências, acerca das ideias para a reconstrução do sistema partidário.

No seu depoimento, Moniz criticou a construção de organizações partidárias a partir de “gabinetes”, como se o momento ainda exigisse o método conspiratório de antes, que dava a poucos líderes a tarefa de criar uma sigla. Em suas respostas também abordou o quão amplo deveria ser um novo partido e qual a sua relação com correntes internacionais de esquerda.

P – E diante dessa perspectiva, como encarar o problema da formação de um partido das forças populares?

R – Evidentemente, havendo uma abertura política com a extinção do bipartidarismo, ao lado dos partidos burgueses, impõe-se a formação de um partido socialista que reúna todas as forças progressistas do país. A formação de um partido socialista ou trabalhista (o nome pouco importa) deve submeter-se a um longo debate.

P – E qual a ligação que pode ter este partido com a social democracia europeia?

R – Este partido não deve comprometer-se de forma alguma com nenhum partido estrangeiro. Não há razão para depender da social-democracia





IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO  
2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



européia, e, muito menos, nesta altura dos acontecimentos, associar-se a II Internacional ou manter relações com a Fundação Friedrich Ebert que tem um traidor como patrono. (VERSUS, fev. 1978, p. 14)

Dessa forma, o nome Partido Trabalhista Brasileiro não parecia ser o principal entrave, mas o programa, que Moniz defendia ser socializante e o método de sua formação. Diante das notícias sobre a reconstrução do PTB, ato que se assemelhava a um acordo entre lideranças, a crítica de Edmundo Moniz acerca dos “gabinetes” parece ter endereço certo.

O processo de refundação do PTB por iniciativa de Leonel Brizola teve no “Encontro dos Trabalhistas do Brasil com os Trabalhistas no Exílio”, realizado entre 15 e 17 de junho de 1979, na sede do Partido Socialista Português, um de seus momentos mais destacados. O encontro reuniu militantes de variadas correntes políticas, não se restringindo aos trabalhistas, mas muitos dos que compareceram à capital portuguesa acabaram não se vinculando ao futuro Partido Democrático Trabalhista. Após a sessão de abertura, que contou com as saudações habituais, o discurso de Brizola – que teve três horas de duração – e a constituição de comissões para elaborar sobre pontos definidos, foi feita uma rodada de informes. Destes, o que encabeça a lista elaborada pelo SNI partia do escritor Luiz Alberto Moniz Bandeira, que, além das saudações públicas à reunião, levara consigo uma mensagem particular de seu tio, Edmundo Moniz, dirigida a Leonel Brizola.

É possível dizer com segurança que a mensagem era uma carta e que uma versão do texto encontra-se hoje no Centro de Documentação e Memória, da Universidade Estadual Paulista. Entre as cartas reunidas pelos pesquisadores que fundaram o Centro de Documentação do Movimento Operário Mário Pedrosa, está um documento sem assinatura, mas com data de 12 de junho de 1979. Trata-se de um rascunho com correções feitas à mão, cujo destinatário era Brizola. A repetição exata de termos e ideias entre a entrevista, um artigo para *Versus* e a carta abrigada no CEMAP, bem como alguns fatos relatados, como os oito anos de exílio não deixam dúvidas que o autor é Edmundo Moniz.



**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL**  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Essa outra “Carta de Lisboa”<sup>4</sup> apresentava duas justificativas para a ausência de Moniz no encontro realizado em Portugal. A primeira fazia referência ao lugar da democracia em um novo partido:

Não posso aceitar – e creio que falo em nome de numerosos companheiros – a formulação de que no PTB só serão admitidos os marxistas que façam a profissão de fé democrática. Esta formulação assemelha-se a da ditadura militar que combate os marxistas porque eles não são democratas. Ora, a democracia, hoje em dia, é mais necessária ao movimento trabalhador do que às classes dominantes. (...) A democracia, na realidade, não é uma finalidade ideológica e histórica e sim o campus onde deve travar-se a grande luta pela emancipação da classe trabalhadora. (MONIZ, 12 jun. 1979)

A segunda justificativa retomava a crítica ao método da reorganização, onde Moniz insiste no esforço de criar um partido de esquerda que fosse capaz de aglutinar setores diversos das lutas sociais.

O programa partidário; a aliança com as “novas” lideranças sindicais; a união das forças e das organizações de massa, sem discriminação, sejam comunistas ou pertencentes à Igreja Católica, respeitando a independência ideológica dos aliados; a luta pela reforma agrária, tão grata a João Goulart: - tudo isto é muito mais importante do que a luta por uma sigla. Esta luta só pode originar conflitos pessoais que devem ser contidos e superados. O processo político se encarregará de fazer a seleção dos militantes do novo partido. (MONIZ, 12 jun. 1979)

A movimentação de Brizola buscava aglutinar o maior número possível de apoiadores e em certa medida o PDT conseguiu renovar o legado do trabalhismo brasileiro e incorporou bandeiras e pautas à sua atuação política. Entretanto, não conseguiu reunir as muitas correntes de esquerda que se reorganizavam durante os últimos anos de ditadura. Da mesma forma, quando Brizola anunciava publicamente, no mínimo, a partir de 1977, que atuaria para refundar o PTB, mobilizava, obrigatoriamente, uma tradição política que, pelo peso e significado na história, demarcava diretamente um setor hegemônico na nova organização.

---

<sup>4</sup> Documento produzido como declaração final do “Encontro dos Trabalhistas do Brasil com os Trabalhistas no Exílio”.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA DO TEMPO**  
**2021 PRESENTE**  
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Assim como ocorrera com Bayard Boiteux, Edmundo Moniz acabou aderindo ao partido de Brizola. Embora o seu nome não apareça nos relatos jornalísticos sobre o encontro que fundou um novo partido em 1980, o seu ingresso não demorou muito e repetia o elemento central que acabou unindo muitos descontentes: a aceitação da liderança de Brizola. A fórmula encontrada para apaziguar o trabalhismo à roupagem social-democrata e aos anseios de transformação profunda de determinados setores foi apresentar o trabalhismo como o caminho brasileiro para o socialismo, em um debate que continuou mesmo após a fundação do PDT.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Zózimo Barroso do. Nome novo. **Jornal do Brasil**. Caderno B, 24 mai. 1980, p. 3.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Eu vi. **Jornal do Brasil**. Caderno B, 15 mai. 1980, p. 1.

**FOLHA DE S. PAULO**. Decisão também movimentada MDB. 13 mai. 1980, p. 4.

SANTOS, Theotônio dos. **O caminho brasileiro para o socialismo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SENTO-SÉ, João Trajano. **Brizolismo: estetização da política e carisma**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

**JORNAL DO BRASIL**. Ex-líder socialista volta ao Brasil e sugere frente para fortalecer Oposição. 14 mai. 1979, p. 2.

**SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES**. Atividades de brasileiros esquerdistas radicados no México. Arquivo Nacional. 26 abr. 1978. Disponível em: <http://sian.an.gov.br/> Acesso em: 25 fev. 2021.

\_\_\_\_\_. Prontuário Edmundo Moniz. Arquivo Nacional. 19 jul. 1971. Disponível em: <http://sian.an.gov.br/> Acesso em: 25 fev. 2021.

\_\_\_\_\_. Informe Nº 301. Arquivo Nacional. 14 abr. 1975. Disponível em: <http://sian.an.gov.br/> Acesso em: 25 fev. 2021.